Dia 8 — Santa Brígida, Viúva

Martirológio Romano

Santa Brígida, viúva; a qual, depois de haver feito muitas peregrinações aos Santos Lugares, cheia do espírito de Deus, morreu em Roma no dia 23 de julho: seu corpo foi trasladado à Suécia em tal dia como ontem. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

A ditosa morte do santo velho Simeão, no mesmo dia; do qual se lê no Evangelho que recebeu em seus braços a Nosso Senhor Jesus Cristo. (Veja-se sua notícia entre as de hoje.)

O martírio de Santa Reparata (ou Reparada), virgem e mártir, em Cesareia da Palestina; a qual, não querendo oferecer sacrifício aos ídolos no império de Décio (pelos anos de 251), depois de padecer diversos gêneros de tormentos, foi degolada: sua alma foi vista sair do corpo e voar ao céu em figura de pomba.

São Demétrio, procônsul, em Tessalônica; o qual, como convertesse muita gente à fé de Cristo, por mandado do imperador Maximiano foi traspassado com lanças e assim alcançou a coroa do martírio. (Santo Anastásio, bibliotecário da Igreja romana, traduziu em latim a vida de Demétrio por ordem do imperador Carlos Magno, que era muito devoto do ilustre Mártir.)

São Nestor, mártir, ali mesmo. (Foi convertido à fé de Cristo por São Demétrio.)

São Pedro, mártir, em Sevilha, na Espanha. (Veja-se sua notícia entre as de hoje.)

Santo Artemão, presbítero, em Laodiceia; o qual, no tempo de Diocleciano, pelo tormento do fogo alcançou a coroa do martírio.

Santa Benedita, virgem e mártir, nas cercanias de Lyon, na França. (Deu testemunho de sua viva fé padecendo um cruel e prolongado martírio, até que por fim foi decapitada na mesma cidade de Lyon por ordem do juiz Macróbio.)

As santas Palaciata e Lourença, em Ancona; as quais, na perseguição de Diocleciano, por ordem do presidente Dion foram desterradas e no desterro morreram consumidas de trabalhos e calamidades. (Palaciata era uma senhora principal de Ancona e Lourença criada sua; e antes de serem desterradas foram afligidas com vários tormentos, dos quais se libertaram milagrosamente.)

São Evódio ou Iver, bispo e confessor, em Ruão. (Seu corpo se conserva na diocese de Soissons.)

Santa Pelágia ou Pelaia, chamada a Penitente, em Jerusalém. (Veja-se sua vida entre as do dia 30 deste mês.)

Santa Brígida, Viúva

Santa Birgitta, chamada vulgarmente Santa Brígida, foi filha de Birger, príncipe do sangue real da Suécia, e de Sigrida, princesa de casa não menos ilustre. Sendo nos dois tão grande a nobreza, ainda era maior em ambos a virtude. Não se reconheceu no reino família mais cristã, sendo sua exemplar piedade edificação e admiração da corte. Estando Sigrida grávida de Brígida, ocorreu grande perigo de naufragar no mar, de que se libertou por um milagre. Na noite seguinte apareceu-lhe em sonhos um venerável ancião, que lhe disse haver Deus salvado sua vida pela menina que trazia em suas entranhas, e lhe acrescentou: «Cria-a com cuidado, porque há de ser uma grande Santa.»

Nasceu Brígida pelos anos de 1302 e seu nascimento foi acompanhado de uma estranha maravilha; porque, tendo estado três anos sem poder pronunciar palavra, tanto que se chegou a temer que ficasse para sempre muda, de repente desatou-se-lhe a língua e começou a falar, não já tartamudeando como os demais meninos, mas com tanta liberdade e com tanto vigor na pronunciação como qualquer pessoa de avançada idade. Pouco depois perdeu sua mãe e seu pai Birger confiou sua educação a uma tia sua, cuja virtude e capacidade tinha muito conhecida. Logo conheceu esta virtuosa senhora que aos meios exteriores que se aplicavam para sua melhor educação fazia grandes vantagens outro mestre interior, que alumiava o entendimento e formava o coração da menina, e que Deus era seu diretor. Com efeito, aos sete anos de sua idade mostrou-se plenamente instruída nos caminhos da perfeição, praticando as mais heroicas virtudes com tanto espírito e com tanto primor que todos admiravam sua infância como uma espécie de prodígio. Aquele Deus que a havia escolhido para fazer dela um vaso de eleição preveniu-a com os mais assinalados favores desde sua mesma infância. Estando um dia em seu quarto, apareceu-lhe a santíssima Virgem rodeada de um celestial resplendor, com uma coroa de inestimável preço na mão, e convidou-a a que fosse recebê-la. Arrebatada de gozo a bendita menina, correu apressadamente a ela e arrojou-se aos pés da Senhora, chamando-a sua querida mãe; ficando este insigne favor tão forte e tão ternamente impresso em seu coração e em sua memória que o teve presente toda a vida, durando-lhe por toda ela os efeitos de sua dulcíssima ternura.

Ainda não havia cumprido os dez anos quando ouviu um sermão da paixão de Cristo, o qual se lhe imprimiu tão vivamente na alma que aquela mesma noite teve outra visão ainda mais terna que a precedente. Apareceu-lhe o divino Salvador do mesmo modo que esteve na cruz quando o encravaram nela, mas coberto todo do sangue que derramavam suas chagas. Penetrada de uma vivíssima dor à vista de tão lastimoso objeto, exclamou com um amoroso suspiro: «Ah, Senhor! E quem vos pôs tão duramente nesse doloroso estado?» — «Aqueles, respondeu o Senhor, que desprezam meus mandamentos e, mostrando-se insensíveis ao que padeci por eles, correspondem aos excessos de meu amor com excessos de ingratidão.» Desde aquele ponto ficou tão comovida com aquela visão que daí em diante não podia pensar na paixão do Senhor sem exalar-se em suspiros e sem desfazer-se em lágrimas. Nunca se lhe apagou da imaginação aquela imagem do

Salvador; em todas as partes a tinha presente e, quando estava bordando, via-se muitas vezes precisada a interromper a labor pela abundância das lágrimas. Havia-lhe assinalado a tia sua tarefa para cada dia, temendo que dedicasse demasiado tempo à contemplação; e querendo um dia observar em que se ocupava a terna princesinha, viu-a com a agulha na mão, a labor sobre os joelhos, os olhos elevados ao céu, imóvel e derretendo-se em lágrimas; mas notou que outra donzelinha de extraordinária formosura estava trabalhando em sua mesma labor enquanto ela se mantinha toda enlevada em seu Deus. Assombrada a virtuosa senhora de uma e outra maravilha, pegou dissimuladamente a labor de Brígida e a guardou com o maior cuidado como preciosa relíquia.

Recaindo estes favores tão extraordinários num coração nobre e naturalmente generoso, eram correspondidos com uma devoção e com um fervor nada comum. Não contente com passar em oração todo o dia, não perdendo jamais de vista a seu Deus, levantava-se muitas vezes de noite para orar, inventando além disso mil indústrias para castigar seu inocente corpo com mortificações superiores a sua idade. Numa ocasião, repreendendo-a sua tia estes excessos, respondeu-lhe: «Não temais, amada tia minha, porque meu divino Salvador, que se me apareceu na cruz, me ensinou o que devia fazer.»

Quando cumpriu os treze anos, o Príncipe seu pai, sem atender a seus desejos de não admitir outro esposo que a Jesus Cristo, casou-a com um jovem senhor chamado Ulfo, príncipe de Nericia. Lançou Deus a bênção a este matrimônio, no qual a eminente virtude da mulher muito desde logo se comunicou ao marido, sendo um dos mais exemplares príncipes da corte, e toda a família uma das mais cristãs que jamais se viram; porque Brígida, igualmente santa quando casada que quando solteira, foi a admiração do povo e santificou toda a sua casa. Concedeu-lhe Deus quatro filhos e quatro filhas. Carlos e Birger, dois príncipes cabais, morreram na Palestina indo à guerra santa contra os infiéis; a Bento e Gudmar achou-os maduros o céu antes que a idade estragasse sua inocência. Suas filhas Margarida e Cecília foram na corte dois perfeitos modelos de senhoras cristãs; Ingeborg mereceu ser venerada por uma das mais santas religiosas de seu tempo; e a menor de todas foi a ilustre Santa Catarina da Suécia. A santidade dos filhos foi fruto da educação e dos grandes exemplos da virtuosa mãe. Considerou sempre o cuidado de sua família como a primeira de todas as suas obrigações; e ainda que dedicada toda a obras de caridade, suas devoções nunca a puderam distrair do que devia a seus filhos e a seus criados.

Por si mesma instruía os primeiros e suas lições sempre eram eficazes, porque iam acompanhadas com os exemplos. Desde sua terna infância ia ensaiando-os na devoção, acostumando-os a todas as obras de misericórdia e a vários exercícios de penitência. Logo que se viu com suficiente número de filhos para assegurar a sucessão de sua casa, persuadiu a seu marido que daí em diante vivessem como irmão e irmã em perfeita continência; e pôde tanto com suas discretas exortações que insensivelmente o foi retirando da corte, onde fazia um dos primeiros papéis. Comunicou-lhe seu espírito de devoção, regulou com ele todos os exercícios espirituais, sendo um deles o rezar todos os dias inviolavelmente o Ofício parvo da santíssima Virgem e o confessar e comungar todas as sextas-feiras de cada semana. Fê-lo consentir em que os pobres fossem contados no número de seus filhos para sustentá-los; e tendo fundado, com sua aprovação, um hospital no lugar onde residiam, não se contentando com prover a todas as suas necessidades, ela mesma ia regularmente todos os dias a servi-los em pessoa, fazendo ofícios de criada.

Desejava com tão vivas ânsias a salvação de seu marido que, não satisfeita com as contínuas orações que fazia a Deus por ele, nem com dirigi-lo com seus conselhos e animá-lo com seus exemplos, fazia todo o possível para que perdesse o gosto do mundo e para fazê-lo gostar de Deus. Assim suas conversações como suas reflexões, meditações e leituras, todas se encaminhavam a fazer cada dia mais cristão aquele querido esposo; e com o fim de desprendê-lo de certas inclinações que o tinham ainda preso ao amor de seu país, persuadiu-o a que empreendesse a penosa peregrinação a Santiago da Galiza, e ela mesma quis também fazer-lhe companhia naquela devota e trabalhosa viagem. Poderiam fazê-la com toda a comodidade; mas só deram ouvidos ao espírito de penitência com que a haviam determinado. Ao voltar de sua peregrinação caiu Ulfo gravemente enfermo na cidade de Arras; mas Deus lhe restituiu a saúde pelas orações de sua santa mulher, a quem apareceu São Dionísio, de quem era muito devota e, assegurando-a do recobro de seu marido, manifestou-lhe o que Deus queria dela. Logo que se restituíram à Suécia sentiu-se Ulfo tão desgostado do mundo que fez voto, consentindo-o sua mulher, de deixá-lo inteiramente, fazendo-se religioso. Assim o executou tomando o hábito no mosteiro de Alvastra, da Ordem de Cister, onde morreu santamente no dia 26 de julho, como se lê no Menológio da Ordem.

Achando-se já nossa Santa inteiramente livre de todos os laços, só se aproveitou de sua maior liberdade para fazer uma vida mais penitente e mais perfeita. Feitas as partilhas dos bens entre os filhos, por ocasião do luto, vestiu um traje de penitência. Condenou o mundo esta resolução e a corte zombou dela; mas nem a corte nem o mundo eram sua regra. Manifestou-lhe logo o Senhor quão grata lhe havia sido a determinação que havia tomado, porque lhe apareceu Jesus Cristo rodeado de uma resplandecente luz e lhe disse que a tomava por esposa sua e que lhe manifestaria vários segredos conducentes à salvação de muitas almas escolhidas, e lhe acrescentou: «Presta, pois, ouvidos a minha voz com humildade e dá fiel conta a teu confessor de tudo o que eu te descobrir daqui em diante.» Desde aquele dia começaram as revelações tão frequentes em que Deus lhe comunicou tão singular conhecimento de muitos mistérios da Religião e aquela luz sobrenatural necessária para governar-se nos caminhos do Senhor e para chegar a tão eminente grau de santidade. E ainda que não podia duvidar que a governava o espírito de Deus, toda a vida observou um perfeito rendimento a seu confessor, sujeitando a sua censura todas as suas revelações e não fazendo coisa alguma sem sua aprovação ou sem sua ordem.

Nos trinta anos que sobreviveu a seu marido juntou perfeitamente as obrigações da vida interior com os exercícios da mais terna devoção e da mais austera penitência. Não usou coisa de linho naqueles trinta anos: cobriu seu corpo com um áspero cilício e trazia a raiz de suas carnes uma corda cheia de nós que se metiam dentro delas. Sua cama era uma só manta estendida sobre uns paus, sem que os excessivos frios da Suécia a rendessem a buscar outro abrigo para defender-se deles. Fazia tantas genuflexões, prostrava-se tantas vezes e beijava a terra com tanta frequência que não se podia compreender como era capaz de resistir a tão rigorosas penitências uma princesa tão delicada e de tão débil compleição.

Não houve no mundo pessoa de mais engenhosa invenção para dar-se a si mesma em que padecer. Tinha uma chaga voluntária que renovava todas as sextas-feiras, lançando nela cera derretida para que se lhe imprimisse mais a memória das dores de Jesus Cristo em sua sagrada paixão. Jejuava quatro dias na semana e às sextas-feiras a pão e água. Não era menos penitente

em suas vigílias. Passava a maior parte da noite em oração, interrompendo-a só quando a vencia o sono por pouco tempo. Ao rigor de sua penitência correspondia perfeitamente a ternura de sua devoção. Uma grande parte do dia a empregava aos pés de Jesus Cristo diante do santíssimo Sacramento, onde gostava consolos e delícias inefáveis. Desde sua infância foi sua favorecida devoção a que professava à santíssima Virgem; e em suas mesmas revelações se conhece o terno amor com que a Mãe de Deus a correspondia. Na frequência de Sacramentos abrasava-se sua alma cada vez com novo incêndio. Nos trinta últimos anos de sua vida todos os dias se confessava e comungava muitas vezes cada semana. Era tão doce e tão suave com os outros como severa e rigorosa consigo mesma; mas sua caridade e sua amabilidade explicavam-se particularmente com os pobres. Cada dia dava de comer a doze, servindo-os ela mesma à mesa. Só uma espécie de ambição se lhe conheceu em toda a vida: este era o desejo de haver nascido pobre, fazendo tanta estimação e tendo tanto amor à pobreza que muitas vezes em suas peregrinações se misturava entre os mendigos e pedia esmola com eles. Para fazer-se verdadeiramente pobre de Cristo, fez doação do pouco que lhe havia ficado em favor de certa pessoa virtuosa e depois recebia dela por caridade e como de esmola o que havia mister para sustentar-se.

Fundou em Vadstena um mosteiro para religiosas e admitiu nele até sessenta, a quem deu umas constituições que se conhecia bem serem ditadas pelo espírito de Deus. Brindou também com elas a vinte e cinco religiosos que viviam sob a regra de Santo Agostinho; admitiram-nas com gosto, e esta foi a origem daquela religião monacal que se chamou depois do Salvador ou dos monges Brigitanos e foi aprovada pela Sé apostólica.

Havia dois anos que estava retirada em seu mosteiro de Vadstena quando lhe apareceu Nosso Senhor e lhe disse ser sua vontade que fosse em peregrinação a Roma para venerar as relíquias de tantos Santos e singularmente o sepulcro dos santos Apóstolos. Obedeceu; e sem acobardá-la as dificuldades de uma viagem tão trabalhosa e tão longa, pôs-se a caminho acompanhada de sua querida filha Catarina. Em Roma brilhou mais que em outra parte o resplendor de sua eminente santidade. Todas as curiosidades que se admiram naquela capital do universo não foram capazes de despertar nem ainda ligeiramente a sua. Não saía de casa com sua filha senão para visitar as estações e para exercitar-se em boas obras. Depois que em Roma satisfez sua devoção, sentiu-se inspirada do Senhor para ir visitar os Lugares Santos de Jerusalém e da Palestina. Só tardou em obedecer o que tardou em assegurar-se de ser aquela a vontade do Senhor. Imediatamente que a conheceu, nenhuma consideração foi bastante para detê-la. Embarcou-se com sua amada filha Santa Catarina e, no discurso daquela penosa e dilatada viagem, experimentou sensíveis provas da divina proteção. Logo que chegou à Terra Santa encaminhou-se a Jerusalém e visitou os Santos Lugares com extraordinária devoção. Durante esta peregrinação teve novas revelações, umas das quais eram acerca das revoluções de diferentes monarquias; mas a maior parte foram sobre várias particularidades da paixão do Salvador de que não se tinha notícia pelo Evangelho.

Já havia muito tempo que Santa Brígida arrastava uma saúde muito débil e que cada dia o ia sendo mais ao rigor de suas penitências e de suas frequentes enfermidades. Partiu de Jerusalém para restituir-se à Itália com uma febre lenta, acompanhada de tanta fraqueza de estômago que se temia muito por sua vida; e não houvera podido aguentar tão dilatada viagem se não a houvesse sustentado seu natural espírito e sua íntima união com Deus; mas em chegando a Roma agravou-se-lhe a enfermidade. Apareceu-lhe o Senhor, assegurou-a de sua eterna bem-aventurança,

prescreveu-lhe o que devia fazer até que chegasse o tempo de gozá-la, assinalou-lhe o dia, a hora e o momento de sua preciosa morte e manifestou-lhe muitos sucessos que se verificaram depois. Enfim, no dia 23 de julho do ano de 1373, aos setenta e um anos de sua idade, cumulada de merecimentos e recebidos os Sacramentos da Igreja, rendeu sua alma a Deus entre os braços de sua querida filha Santa Catarina.

Três dias depois deu-se sepultura ao santo corpo na igreja das religiosas de Santa Clara do convento de São Lourenço, chamado *in Panisperna*; mas com o hábito de religiosas de São Salvador de Vadstena. Um ano depois de sua morte foi elevado da terra e trasladado à Suécia, a solicitação de seu filho Birger e de sua filha Santa Catarina. Aos muitos milagres que fez em vida seguiu-se a multidão dos que obrou Deus depois de morta. Santo Antonino conta dez mortos ressuscitados, com crescido número de outras maravilhas; em cuja virtude o papa Bonifácio IX resolveu publicar a bula de sua canonização no ano de 1391, depois das informações e formalidades acostumadas. Por haver-se celebrado em Roma esta cerimônia no dia 7 de outubro, fixou-se então a festa neste mesmo dia e depois transferiu-se ao dia seguinte. Ficou Roma com um braço da Santa e imediatamente depois de sua canonização erigiu-se em sua honra uma magnífica capela no mesmo lugar de sua sepultura. Temos um volume inteiro de suas revelações repartidas em oito livros, as quais foram aprovadas pelos Padres do concílio de Basileia, depois de havê-las examinado, por ordem do mesmo Concílio, o sábio João de Torquemada, mestre à sazão do sacro palácio e depois cardeal, o qual declarou não haver achado em ditas revelações coisa contrária à sagrada Escritura, à regra dos bons costumes nem à doutrina dos santos Padres.

São Pedro, Mártir

Neste dia celebra-se na santa igreja de Sevilha a memória de São Pedro mártir, de quem a injúria do tempo roubou à posteridade as importantes notícias de seu nascimento, de sua educação de vida e das circunstâncias de seu martírio, como as de outros muitos heróis que floresceram na Espanha naquelas lamentáveis idades em que os bárbaros, ambiciosos de seu fértil terreno, cometeram os estragos que nos refere a história. Só nos consta a glória de seu martírio, cujo título mereceu justamente por haver sacrificado sua vida em defesa da fé, em tempo em que os gentios perseguiam de morte todos os professores da religião de Jesus Cristo. Ainda que parece que nos séculos passados foi célebre a memória deste ilustre Mártir, ou bem esquecida ou diminuída, ressuscitou-a de novo o cabido da santa igreja de Sevilha em sede vacante pela morte do Ilmo. D. Pedro de Castro y Quiñones, mandando que se celebrasse não só na capital, mas em todo o arcebispado com ofício duplo de segunda classe e com as lições do comum de Mártir, por não lhe constarem as atas próprias; sob cujo suposto se acha nos Santos próprios daquela diocese, reconhecidos e aprovados pela sagrada congregação de Ritos, por ordem do papa Sisto V; e confirmados com a autoridade apostólica, deram-se à luz em Sevilha no ano 1751, a expensas de D. Rodrigo de Castro, arcebispo na mesma igreja.

São Simeão, o Justo

Eis aqui as palavras com que o evangelista São Lucas, no capítulo 2, v. 25-35, explica o grande acontecimento em que teve parte: «Havia à sazão em Jerusalém um homem chamado Simeão, e este homem justo e temente a Deus esperava de dia em dia a consolação de Israel, e o Espírito Santo morava nele. E o mesmo Espírito Santo lhe havia revelado que não havia de morrer sem ver antes o Cristo do Senhor. Assim veio inspirado por ele ao templo. E ao entrar com o menino Jesus seus pais, para praticar com ele o prescrito pela Lei, tomando-o Simeão em seus braços, bendisse a Deus, dizendo: Agora, Senhor, despedes teu servo, segundo tua palavra, em paz; como se dissera: Agora não me resta já que ver nem que esperar neste mundo; porque já meus olhos viram o Salvador que nos deste. O qual tens destinado para que, exposto à vista de todos os povos, seja luz brilhante que ilumine os gentios e a glória de teu povo de Israel. Seu pai e sua mãe escutavam com admiração as coisas que dele se diziam.» (Porque, ainda quando a São José e a Maria havia sido revelada a substância dos grandes mistérios de Jesus Cristo, não podia deixar de despertar em seus corações vivos sentimentos de admiração o ver que se iam cumprindo parte por parte, ouvindo a Simeão profetizar desta maneira. P. Scio, nota à Bíblia.) «Simeão bendisse a ambos e disse a Maria, sua Mãe: Olha, este menino que vês está destinado para ruína e para ressurreição de muitos em Israel e para ser o alvo da contradição dos homens. E uma espada traspassará tua alma, de ti mesma, para que sejam descobertos os pensamentos de muitos corações.» Até aqui o Evangelho de São Lucas, e nada mais se sabe de certo acerca deste venerável ancião. Os antigos em geral e muitos modernos têm crido que Simeão era sacerdote, fundados em que tomou Jesus entre seus braços, concluindo daqui que isto foi para apresentá-lo e oferecê-lo a Deus; e também porque depois bendisse a José e a Maria.

Santa Taís, a Penitente

A meados do século IV viveu no Egito uma famosa cortesã, por nome Taís, que havia sido educada na fé cristã, mas em quem se haviam extinguido os sentimentos da graça com um amor desordenado ao deleite e aos ganhos da cobiça. A beleza, o talento, as lisonjas das más companhias arrastaram-na a um abismo de infames e criminosos vícios, de que só o esforço extraordinário de uma graça singular podia tirá-la a salvo. Esta infeliz e insensata pecadora estava já quase à boca de seu eterno precipício quando se interpôs em favor seu a misericórdia divina. Pafnúncio, santo anacoreta da Tebaida, chorava dia e noite a perda daquela alma, porque eram públicos em todos aqueles países os escândalos de sua arrastada vida e conduta licenciosa. Enfim, tendo encomendado a Deus este assunto com o maior afinco, formou o projeto de uma piedosa estratégia para poder ter entrada com ela, com o fim de resgatá-la da escravidão de suas desordens. Deixou, pois, suas vestiduras penitenciais e aderezou-se de modo que ficou inteiramente disfarçada sua profissão. Indo a casa dela, cheio de um desejo ardentíssimo de sua conversão, chamou à porta e foi introduzido até seu aposento. Disse-lhe que desejava falar com ela em segredo, para o que lhe suplicava que escolhesse algum retrete separado de sua família. «Que é o que temeis?», respondeu Taís; «se a algum homem, ninguém pode ver-nos aqui; se a Deus, não há sítio, por escondido que seja, que fuja de sua penetração.» — «Que, replicou Pafnúncio, conheceis vós que Deus está aqui?» — «Sim, disse ela, e também que há um céu que há de ser a porção do bom e eternos tormentos reservados no inferno para castigo dos iníquos.» — «E é possível, disse-lhe então o fervoroso ermitão, que saibais e creiais estas eternas verdades e

ouseis contudo pecar diante daquele que conhece e que há de julgar todas as criaturas?» Taís nestas expressões conheceu já que a pessoa com quem falava era um servo de Deus que vinha inspirado de um zelo santo a tirá-la do infeliz estado da perdição; e ao mesmo tempo o Espírito Santo, que falava pela boca de Pafnúncio, iluminou seu entendimento para que visse a vileza de seu pecado e abrandou seu coração com os toques interiores de sua graça. Cheia, pois, de confusão à vista de seus crimes e penetrada de uma amargura triste, detestando sua vilania e ingratidão a Deus, prorrompeu num jorro de lágrimas e, arrojando-se aos pés de Pafnúncio, disse-lhe: «Pai, impondei-me a penitência que tiverdes por conveniente; rogai por mim a Deus que se digne de ter misericórdia de mim. Três horas desejo somente para arrumar meus negócios, e estou disposta a seguir em tudo vossos conselhos.» Pafnúncio disse-lhe um sítio aonde podia ir e voltou a seu retiro.

Taís juntou todas as suas alfaias, os magníficos adornos de sua casa e toda a sua mal ganha riqueza e, fazendo um grande montão em meio da rua, pôs-lhe fogo publicamente, convidando a quantos lhe haviam feito aqueles presentes e sido partícipes de seus desregramentos a segui-la em seu sacrifício e penitência. Ter guardado um só daqueles presentes não houvera sido cortar de todo as ocasiões de tentação que pudessem ter feito reviver suas paixões e voltá-la ao antigo estado de prostituição. Com esta ação pretendeu também reparar de algum modo o escândalo que havia dado e manifestar quão perfeitamente renunciava ao pecado e a todos os incentivos de suas paixões. Feito isto, passou imediatamente em busca de Pafnúncio, e este a conduziu a um mosteiro de devotas mulheres. Ali a encerrou numa cela o santo anacoreta, pondo a sua porta um selo de chumbo, como em significação de que havia de ser túmulo em que havia de viver como morta para o mundo e para si mesma. Ordenou a suas irmãs que enquanto vivesse cuidassem de levar-lhe todos os dias um pouco de pão e água; e a ela intimou que não cessasse de pedir misericórdia e perdão ao céu. Ela lhe disse: «Pai, ensinai-me como hei de orar.» Pafnúncio respondeu-lhe: «Vós não sois digna de invocar a Deus pronunciando seu santo nome, porque vossos lábios estão cheios de iniquidade; nem de levantar vossas mãos ao céu, porque estão inquinadas de impurezas. Voltai-vos, pois, para o Oriente e repeti estas palavras: Tu que me criaste, tem piedade e misericórdia de mim.» Desta sorte continuou aquela mulher orando quase com contínuas lágrimas, não se atrevendo a pronunciar Pai-Nosso nem a chamar a Deus Pai, porque se considerava como destituída do título de filha por suas traições e desnaturalizada ingratidão; nem Senhor, porque, havendo renunciado a ele, se havia feito escrava do demônio; nem Juiz, porque este nome a enchia de terror com a memória de seus terríveis juízos; nem Deus, porque este nome é santíssimo e adorável e compreende numa só palavra toda a sua soberana essência e perfeitos atributos. Mas por muito que com suas ações houvesse perdido na presença do Senhor, sempre havia ficado criatura sua e feitura de suas mãos; e por este título lhe pedia, pelo imenso abismo de sua bondade e misericórdia, que a olhasse com compaixão, que a tirasse de suas misérias, que a restituísse a sua graça e que lhe inspirasse um amor seu perfeito e puro. Ao repetir esta curta oração exercitava todos os atos de devoção dentro de seu coração, excitando em seus afetos não só os sentimentos mais profundos de compunção, humildade e temor santo, mas os de esperança, louvor, adoração, ação de graças, amor e demais virtudes interiores; nas quais se dilatavam afetuosamente os impulsos de seu compungido espírito. Tendo perseverado assim com grande fervor por espaço de três anos, foi Pafnúncio a Santo Antão para perguntar-lhe se esta penitência havia sido suficiente para prepará-la ao benefício da reconciliação e à comunhão

eucarística. Santo Antão disse-lhe que o consultasse com São Paulo o Simples, porque Deus se digna descobrir sua vontade sempre ao humilde. Ambos os anacoretas passaram juntos a noite em oração. De manhã respondeu São Paulo que Deus havia preparado no céu um lugar para a penitente: no que entendeu Pafnúncio que devia ir, como o fez, a tirar da prisão a que havia merecido a indulgência. Considerando a penitente os incompreensíveis juízos de Deus e cheia de profundos sentimentos de compunção e de sua absoluta indignidade para ser admitida, nem ainda a cantar os louvores ao Senhor em companhia das castas esposas de Cristo, suplicou humildemente que a deixassem continuar no curso de sua penitência até o último momento de sua vida. Mas isto não o quis permitir Pafnúncio. Ela disse que desde o momento mesmo em que ali a havia encerrado não havia cessado de chorar seus pecados e que estes os tinha sempre indeléveis em sua memória: «Por essa mesma razão, disse Pafnúncio, Deus os lavou e remitiu.» Então ela, obediente, deixou a prisão para viver com as demais irmãs. Deus, satisfeito de seu sacrifício, tirou-a deste mundo quinze dias depois de sua reconciliação na terra, pelos anos de 348; e é honrada nos Menológios gregos no dia 8 de outubro.

Missa (oração)

A missa é em honra de Santa Brígida, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Domine Deus noster, qui beatæ Birgittæ per Filium tuum unigenitum secreta cœlestia revelasti: ipsius pia intercessione da nobis, famulis tuis, in revelatione sempiternæ gloriæ tuæ gaudere lætantes. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Deus e Senhor nosso, que por meio de vosso Filho unigênito revelastes à bem-aventurada Brígida muitos segredos celestiais, concedei-nos, por sua intercessão, que nós, vossos servos, sejamos cumulados de alegria, descobrindo-se-nos vossa glória. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é da primeira do apóstolo São Paulo a Timóteo, capítulo 5.

1 Timóteo 5,3-10

> **Latim:** 3 viduas honora, quæ vere viduæ sunt. 4 Si qua autem vidua filios, aut nepotes habet : discat primum domum suam regere, et mutuam vicem reddere

> parentibus : hoc enim acceptum est coram Deo. [5] Quæ autem vere vidua est, et desolata, speret in Deum, et instet obsecrationibus, et orationibus nocte ac die. [6] Nam quæ in deliciis est, vivens mortua est. [7] Et hoc præcipe, ut irreprehensibiles sint. [8] Si quis autem suorum, et maxime domesticorum, curam non habet, fidem negavit, et est infideli deterior. [9] Vidua eligatur non minus sexaginta annorum, quæ fuerit unius viri uxor, [10] in operibus bonis testimonium habens, si filios educavit, si hospitio recepit, si sanctorum pedes lavit, si tribulationem patientibus subministravit, si omne opus bonum subsecuta est.

Português: [3] Honra as viúvas, que são verdadeiramente viúvas. [4] E se alguma viúva tem filhos, ou netos: aprenda primeiro a governar a sua casa, e a corresponder a seus pais: porque isto he acceto diante de Deos. [5] Mas a que verdadeiramente he viúva, e desamparada, espere em Deos, e esteja perseverante em rogar, e orar de noite e de dia. [6] Porque a que vive em deleites, vivendo está morta. [7] Manda pois isto, para que elles sejão irreprensiveis. [8] E se algum não tem cuidado dos seus, e principalmente dos da sua casa, esse negou a fé, e he peior que hun infiel. [9] A viúva seja eleita, não tendo menos de sessenta annos, a qual não haja tido mais de hum marido, [10] approvada com testemunho de boas obras, se educou a seus filhos, se exercitou a hospitalidade, se lavou os pés aos santos, se acudio ao alivio dos atribulados, se praticou toda a obra boa.

Reflexões

O que não cuida dos seus, particularmente de seus domésticos, negou a fé e é pior que um gentio. Uma das obrigações mais essenciais e mais importantes dos pais e das mães de família é a educação de seus filhos e o cuidado de seus domésticos. Naquele magnífico elogio que faz o Espírito Santo de uma mulher cabal e perfeita, insiste principalmente em sua grande vigilância sobre sua família. Assim as particularidades a que desce, individualizando os efeitos desta vigilância, como as vozes com que exalta sua eminente virtude, acreditam bem que todo o mérito de uma mulher casada se há de medir por seu desvelo na boa educação de seus filhos e na vida cristã de seus criados. Animado São Paulo do mesmo espírito, faz ainda mais visível a importância desta obrigação, comparando os que se descuidam dela com os que apostatam da fé. Bom Deus, à vista disto, que se deverá pensar daqueles pais de família que não cuidam da educação de seus filhos, daqueles que mal sabem se estes vivem no mundo? Entregues os pais a seus negócios ou a seus passatempos, abandonam os filhos a suas paixões e a seu destino. Se se veem tantos moços malcriados; se nestes tempos se chora geralmente corrompida a juventude; se na maior parte dos jovens mal se reconhece coisa que cheire a religião; se triunfa a impiedade da gente moça e dissoluta até no sagrado do templo; todos estes escândalos e todas estas desordens são obra dos maus exemplos e da culpável indolência dos pais. Que educação dará a seus filhos, nem que cuidado terá de sua família uma mulher embebida toda no espírito do mundo? As manhãs as ocupa em vestir-se e em pentear-se; as tardes e as noites, no passeio, no jogo ou no baile. Terá cara para contar por doutrina ou por lições que dá a seus filhos aqueles breves ratos em que aparece orgulhosamente numa igreja, ou aquelas longas visitas, aquelas eternas conversações do mundo e

de ociosidade? Mas dá-lhes porventura outras? Atrever-se-á a dar bons conselhos, a imbuir em belas máximas de compostura, de modéstia e de recato aqueles ternos, aqueles inexpertos corações, uma mãe que a todas as horas lhes está dando os mais contagiosos exemplos de profanidade, de vaidade, de indevoção e da arte infernal de conquistar corações? Mas, e de que servirão aquelas boas lições com estes maus exemplos? Parece a muitos pais que remedeiam o contágio entregando seus filhos a um mestre ou a uma aia e que estes hão de ser unicamente responsáveis de sua salvação, sendo assim que esta a pôs Deus a conta dos mesmos pais. Oh santo Deus, e quantos destes se condenam por não haverem cuidado de seus domésticos e por haverem descuidado de seus filhos!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 13 de São Mateus (o impresso traz «xu»).

Mateus 13,44-52

> **Latim:** 44 Simile est regnum cælorum thesauro abscondito in agro : quem qui invenit homo, abscondit, et præ gaudio illius vadit, et vendit universa quæ habet, et emit agrum illum. 45 Iterum simile est regnum cælorum homini negotiatori, quærenti bonas margaritas. 46 Inventa autem una pretiosa margarita, abiit, et vendidit omnia quæ habuit, et emit eam. 47 Iterum simile est regnum cælorum sagenæ missæ in mare, et ex omni genere piscium congreganti. 48 Quam, cum impleta esset, educentes, et secus littus sedentes, elegerunt bonis in vasa, malos autem foras miserunt. 49 Sic erit in consummatione sæculi : exibunt angeli, et separabunt malos de medio justorum, 50 et mittent eos in caminum ignis : ibi erit fletus, et stridor dentium. 51 Intellexistis hæc omnia ? Dicunt ei : Etiam. 52 Ait illis : Ideo omnis scriba doctus in regno cælorum, similis est homini patrifamilias, qui profert de thesauro suo nova et vetera.

Português: 44 O reino dos ceos he semelhante a hum thesouro escondido no campo: que quando hum homem o acha, o esconde, e pelo gosto que sente de o achar, vai, e vende tudo o que tem, e compra aquelle campo. 45 Assim mesmo he semelhante o reino dos ceos a hum homem negociante, que busca boas perolas. 46 E tendo achado huma de grande preço, vai vender tudo o que tem, e a compra. 47 Finalmente o reino dos ceos he semelhante a huma rede lançada no mar, que toda a casta de peixes colhe: 48 e depois de estar cheia, a tirão os homens para fóra, e sentados na praia escolhem os bons para os vasos, e deitão fóra os máos. 49 Assim será no fim do mundo: sahirão os anjos, e separarão os máos de entre os justos, 50 e lancallos-hão na fornalha de fogo: allí será o choro, e o ranger com os dentes. 51 Tendes vós compreendido bem tudo isto? Responderão elles: Sim. 52 Elle lhes disse: Por isso todo o escriba instruido no reino dos ceos, he

semelhante a hum pai de familia, que tira do seu thesouro cousas novas e velhas.

Meditação

Do bom exemplo

Primeiro ponto

Considera que o bom exemplo é uma eloquência muda; uma palavra obradora que, insinuando-se insensivelmente na alma, vai ganhando pouco a pouco o coração e, por meio de uma doce mas eficaz persuasão, faz-se absolutamente dono da vontade. Todos nos inclinamos naturalmente à imitação. Pelo comum faz-se aquilo mesmo que se vê fazer a outros. Em vão se esforçavam os filósofos antigos em exortar a seus discípulos a que caminhassem pelo caminho da virtude, intentando persuadi-los com razões fortes, com discursos sublimes, com pensamentos finos, engenhosos e delicados, que não havia coisa mais útil, mais bela nem mais amável; sempre eram mais os que imitavam suas ações que os que praticavam sua doutrina; por mais que fizeram para convencê-los sobre este ponto de filosofia moral, nunca lograram persuadir a outros com a verdade e com a solidez de suas sentenças que seguissem aquele caminho de que eles mesmos se desviavam com a corrupção de seus costumes. O discurso agrada, o argumento convence, mas o exemplo persuade; ele só faz a verdade sensível, responde mudamente às objeções, mostra possível a prática e alisa todas as dificuldades. Conhecem todos que a virtude é amável, e não é mister muito entendimento para convir em que a vida inocente, cristã e pura está cheia de grandes consolos; que a bondade é respeitável; que é louvável a regularidade e que a santidade é digna da maior veneração. Mas sai o amor-próprio representando mil dificuldades à razão; subscreve-as, abraça-as cegamente o coração; e isto é o que faz pouco eficaz o convencimento. Todos estes obstáculos os desvanece de um só golpe o bom exemplo. Ainda que meus sentidos, de inteligência com o amor-próprio, reclamem contra a lei; ainda que autorizem seu sedicioso levantamento e os erros de minha própria experiência; o bom exemplo destrói, desbarata todos estes especiosos, falazes e enganosos raciocínios. Aquele Santo, aquela Santa, aquela pessoa de minha mesma condição, tão jovem e talvez mais delicada, mais fraca que eu, conservou-se inocente em meio das mesmas ocasiões, teve uma vida uniforme, regulada, fervorosa, apesar do contágio do mundo, apesar do esforço das paixões, apesar da sedução do mau exemplo. Certamente não há réplica contra uma prova que faz calar o amor-próprio, que desarma todas as paixões e deixa sem força todos os impedimentos. Pois que (dizia Santo Agostinho, envergonhado contra si mesmo por estas irresoluções), pois que não poderei eu fazer por minha salvação o mesmo que aqueles e aquelas fizeram pela sua? Por que razão, ajudado da divina graça, terei eu menos forças do que tiveram eles e elas para romper os laços, para resistir às tentações e para superar todos os impedimentos? Oh, e que persuasivo é o bom exemplo!

Segundo ponto

Considera que, por isso mesmo que o bom exemplo é tão poderoso para persuadir, por isso mesmo seremos nós mais inescusáveis se não o seguimos e mais delinquentes se não o damos. Nenhuma coisa faz mais culpável nossa covardia, nenhuma envergonha mais nossa pusilanimidade, nenhuma destrói mais invencivelmente nossos falsos pretextos que o exemplo de tantos bons, cuja virtude formará nosso processo e porá perpétuo silêncio a nossas frívolas escusas. Os exemplos dos Santos são, por dizê-lo assim, a desesperação dos precitos. Apartam-se em vida os olhos daqueles grandes modelos; mas na morte, por toda a eternidade, aquelas mudas reconvenções despedaçarão o coração de tantos covardes cristãos que não se quiseram render a seus argumentos práticos, aos quais não tinham que replicar. O fim que tem a Igreja em pôr-nos todos os dias à vista tantos Santos de nossa mesma esfera, de nossa mesma profissão e de nossa mesma idade não é outro que vencer nossa covardia ou ao menos fazer menos escusável nossa pusilanimidade. Que teremos que replicar a tantos ilustres exemplos de pureza, de mortificação, de compostura, de modéstia, de penitência, de recolhimento e de devoção? Diremos acaso que era impraticável a virtude cristã num século tão corrompido? Mas não nos desmentirão tantas almas santas do mesmo século? Alegaremos por escusa que era muito trabalho o mortificar-se. Mas aqueles e aquelas que viveram em nossa mesma companhia não se levantarão contra nós e acusarão nossa demasiada delicadeza? Diremos que a estes ajudaram os bons exemplos; mas não tivemos nós os mesmos e, fora esses, os seus? Queixar-nos-emos de que nos faltaram auxílios, meios e graças; mas que responderemos quando se nos faça ver, e ainda se nos faça confessar, que tivemos mais graças, mais meios e mais auxílios que os que confundem nossa covardia? Coisa estranha! Admiram-se as virtudes dos Santos; louva-se sua fidelidade à graça; exaltam-se seus méritos, seu valor; inveja-se sua ventura; mas pelo que toca a seus exemplos, esses se deixam a que os imitem outros Santos.

Não permitais, Senhor, que passe mais adiante minha indiferença por minha eterna salvação. Oh, e quanto tenho de que acusar-me neste ponto e quanto tendes Vós de que repreender-me! Mas, meu Deus, estes grandes exemplos que me propondes já não serão inúteis para mim, e espero que me dareis graça para imitá-los.

Jaculatórias

Emulemos santamente o bom para praticar sempre o que o é. (Gl 4.)

Guarda-te de seguir o exemplo dos maus e de desejar sua perniciosa companhia. (Pr 24.)

Propósitos

1. Persuadido já do poder do bom exemplo e da obrigação que tens de segui-lo, não menos que da que também te incumbe de dá-lo, toma desde este mesmo ponto uma forte resolução de cumprir exatamente um e outro dever. Aproveita-te dos bons exemplos que tens diante dos olhos e procura dá-los tu mesmo a outros. Deves-os em primeiro lugar a tua família, a teus domésticos, a

teus súditos, a teus dependentes e a todos aqueles que tratas com frequência. Também o público tem direito a este socorro de edificação; ainda que sejas o homem mais desconhecido, o mais solitário do mundo, sempre deves este bom exemplo a teus irmãos. Mas e o dás a todos aqueles com quem vives? Em vão exortas, aconselhas e pregas; tuas obras são mais persuasivas que tuas palavras. Examina se teu porte edifica os que o tratam e corrige desde logo tudo o que pode desedificá-los.

2. Faltam-te talentos e meios para procurar a glória de Deus e a salvação das almas? Pois consola-te com que em tua vida ajustada e exemplar terás o talento mais precioso e o meio mais eficaz para convertê-las. Um superior cuja vida é a regra animada, um nobre, um ilustre cavaleiro de costumes irrepreensíveis, um pai, uma mãe de famílias verdadeiramente cristãos, uma senhora principal sumamente ajustada e exemplar; oh, e com que eficácia persuadem à virtude! Oh, e quanto bem fazem nas almas cada um em seu estado e por seu caminho! Sê tu deste número.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:53:24 by Admin
Updated 20 November 2026 20:53:24 by Admin